Ano 17.º Sabado, 8 de Março de 1924 N.º 818

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

CADA VEZ PEOR

Muito tem anunciado o govêrno em beneficio do país. A redução das despesas do Estado, a melhoria do cambio e consequentemente o barateamento dos generos e artigos de primeira necessidade é o diapasão por que afinam os orgãos que dão apoio ao actual ministerio, considerando o o unico capaz de nos livrar da triste situação em que nos encontrâmos. E, contudo, o que sucede? A vida cada vez peor, cada vez mais cara, a roçar, quasi, pelo insuportavel se é que não chegou, já, para alguns, ao ultimo extremo.

Estamos, indubitavelmente, em face de mais uma tentativa que falha, isto para não dizermos do govêrno que ainda se conserva no Poder o mesmo que se tem dito de todos os outros aos quaes se deve, como não será dificil demonstrar um dia, toda esta degringolade em que o regimen e o país se debatem presos pelos mesmos laços de solidariedade que os uniu em 5 de Outubro de 1910.

Continua, portanto, a crise, agravada, não sendo dificil prever o que sucederá quando a paciencia da nação se tiver esgotado de todo para aturar os desvarios da politica, causa determinante e unica de todos os males de que enferma ha uns poucos de anos, ou seja desde o dia em que os aventureiros sem escrupulos deliberaram sugar-lhe o ultimo pataco.

E' que o Povo ainda não falou nem disse da sua justiça, seguindo as velhas tradições dos que se bateram e morreram pela honra da Patria.

Uma viagem

Alguns jornais mostram-se muito intrigados com a inesperada partida para Paris e Londres do sr. dr. Alberto Xavier, director geral da Fazenda Publica.

Tambem calculâmos que de coisa bôa não se tratará... Por falta de costume...

Subscrever o emprestimo é transformar em ouro os vossos escudos—apregoavam, aos quatro ventos, os propagandistas, a soldo, da maior comedela governamental dos ultimos tempos.

Corja de vigaristas!

OS SOLUÇOS

Com caracter epidemico, tem-se espalhado pela cidade a doença dos soluços, que ha anos andou muito ateada no estrangeiro sem outras consequencias a não ser a do constante estremeção.

Desaparecem, aqui para nós, que ninguem nos ouve, com um a três calices de licor de ginja tomados compassadamente em casa de qualquer amigo onde não custem dinheiro...

O TEMPO

Depois das ultimas chuvas modificou-se a temperatura, que deixou de ser tão agreste para estar mais em harmonia com o alvorecer da Primavera.

Tambem já era castigo de mais...

Felicitações

Em virtude do aniversario de *O Democrata* alguns amigos teem tido a gentilêsa de nos enviarem felicitações por esse facto, acampanhando-as de palavras de incitamento e aplauso que, se muito nos desvanecem, não menos nos encorajam e alentam para prosseguirmos nesta ingrata labuta tão cheia de espinhos como mal compreendida ainda por muitos a quem a vida do jornal, nesta hora de crise que vem atravessando, tinha obrigação de interessar. Agradecemo-las. E arquivando o que, sobre o mesmo motivo, varios dos nossos colegas tiveram a amabilidade de escrever, a eles nos dirigimos tambem para que aceitem os protestos da nossa gratidão e leal camaradagem, principiando por o velho campeão da Republica, *O Desforço*, que em Fafe se publica ha 31 anos e é dirigido atualmente por Artur Pinto Bastos, pertencente á pleiade dos sacrificados visto ser um homem de caracter:

«O Democrata»

Completou 16 anos de intransigente republicanismo no dia 22, o nosso distinto colega *O Democrata*, tão inteligente e destemidamente dirigido pelo velho e dedicado republicano, nosso presado amigo, de Aveiro, sr. Arnaldo Ribeiro.

Dos semanarios da provincia, é *O Democrata* um dos mais bem apresentados, um dos mais bem redigidos, um dos melhores. Arnaldo Ribeiro dá-lhe toda a sua alma de entusiasmo, de pureza republicana e não só isso como o reveste da sinceridade de que é dotado. Por isso *O Democrata* é tido no melhor dos conceitos, sendo a franqueza o seu timbre, o republicanismo são e puro o seu dogma.

Por mais este aniversario, um abraço cordialissimo a Arnaldo Ribeiro e uma viva saudação a todos os d'*O Democrata*.

Da *Democracia do Sul*, diario de Evora:

Efusivamente saudamos o nosso presado colega *O Democrata*, que Arnaldo Ribeiro dirige com galhardia, pelo seu 17.º aniversario.

De *O Eco de Vagos*:

«O Democrata»

No dia 22 de Fevereiro ultimo, entrou no 17.º ano de publicidade, aquele brilhante colega que se publica na séde deste distrito.

Por esse facto enviamos ao corpo redactorial daquele integerrimo jornal as nossas sinceras felicitações.

De *A Voz do Povo*, quinzenario aveirense:

Acaba de completar mais um ano de existencia o nosso prezado colega local *O Democrata*, inteligentemente dirigido pelo sr. Arnaldo Ribeiro, a quem felicitamos.

Ponham aqui os olhos

O levantamento da Alemanha no decurso destes dois ultimos mezes foi simplesmente assombroso!—diz para o seu jornal o correspondente duma folha parisiense.

Von Seeckt e Sobacht, esses dois grandes reorganisadores, bem merecem da sua Patria. E' que, em menos de dois mezes, a situação economica foi restaurada por meio do marco-ouro não sendo preciso mais ao governo alemão, para atingir esse resultado, do que governar com um proposito inabalavel e uma incessante firmesa depois de ter elaborado os seus planos e tomado as suas medidas, que fez cumprir á risca, não exitando mesmo em proclamar o estado de sitio.

Dois mezes, dois mezes, apenas, para que a Alemanha se transformasse! Não foi necessario mais tempo. Em Berlim reinava a miseria. Hoje o que se observa na grande capital é a opolencia. E dentro dum breve praso, assegura toda a imprensa, não haverá um alemão em toda a Alemanha que sofra necessidades e privações.

A Alemanha—é agora um jornalista francês quem o afirma—póde considerar-se salva.

E perdeu a maior guerra do mundo! E sobre ela desabaram todas as calamidades da derrota!

Reparae para isto, ponde aqui os olhos—ó burros de Portugal!

O preço exagerado por que tudo se adquire no nosso país; as roubalheiras que se praticam; os dôlos, as fraudes, os crimes que se cometem; os abusos de toda a especie e as infracções de toda a ordem passam tão descaradamente a nossos olhos que não sabemos classificar doutro modo os que, tendo obrigação de agir energicamente para nos livrar de semelhante situação, não só o não fazem como ainda concorrem para o maior descalabro que se conhece na historia dum povo pequeno, é certo, mas de extraordinarios recursos para viver feliz se á frente da admitistração publica estivesse gente de envergadura, capaz de, acima dos seus inconfessaveis interesses e desmedida vaidade.pôr aquilo a que se convencionou chamar os sacratissimos interesses da Patria.

Isso, porêm, não acontece nem acontecerá, apezar de a cada momento e de todos os cantos surgirem salvadores a apregoar os seus maravilhosos elixires, qual deles o mais eficaz, mas de nulo efeito, na pratica, já se sabe por serem todos confeccionados com agua chilra...

A Alemanha, a Alemanha é que ha de mostrar ao mundo o que é e o que vale.

Mais uma vez ..

A CINZA

Presenceada por dezenas de milhares de pessoas que deram á cidade desusada animação, a ponto de, em algumas ruas, ser dificilimo transitar, realisou-se na quarta-feira a tradicional procissão da Cinza, que a Ordem Terceira poz em movimento com toda a sua antiga imponencia e na qual figuraram as melhores imagens que nos andores costumam ser conduzidas.

O dia esteve explendido.

Serviço farmaceutico

Encontra-se ámanhã aberta a Farmácia Central.

O Carnaval em Aveiro

Uma carta para ser tomada em consideração nos futuros anos

... *Sr. Redactor*

Apreciador de *O Democrata* pela firmeza com que sempre tem defendido o seu ideal, colocando-se aberta e desassombradamente contra todos os traficantes da política que fizeram da República aquilo que se vê, e pela isenção e carinho com que tantas vezes tem pugnado pelo progresso material e moral de Aveiro, é a êsse jornal que tomo a liberdade de me dirigir para tratar dum assunto que se me afigura momentoso, se V., sr. redactor, tambem assim o entender e mo permitir.

Quero referir-me aos folguedos carnavalescos. Se bem que, em boa e sã razão, seja contestável o direito de uma minoria se divertir desalmadamente emquanto o resto da população se debate em trágicas convulsões ante o espectro negro da fome, é certo tambem que ninguem tem o direito de proíbir essas diversões. Delitos dessa natureza só podem ser julgados no tribunal da consciência de cada um. Que se divirta, pois, quem pode fazê-lo, se isso lhe apraz.

Mas, sr. Redactor, os jogadores de Carnaval podem divertir-se como homens civilizados, respeitando os cidadãos que, menos felizes ou menos foliões, se não divertem como êles, e mostrando que conhecem e têm na devida consideração os mais rudimentares preceitos da higiene, quer pública, quer pessoal, ou podem divertir-se como selvagens, saltando a pés juntos por cima de higiene, de respeito, de tudo, quer para com os outros quer para consigo próprios. E a triste verdade, sr. Redactor, que me foi dado observar durante os quatro últimos dias do Carnaval dêste ano, e que não abona positivamente os créditos de Aveiro como cidade progressiva sob o ponto de vista mental, a triste verdade é que em Aveiro o Carnaval é uma selvajaria. Pelas ruas, bandos de mascarados despejam sôbre os olhos e o fato de quem passa cartuchos de gêsso e fustigam-lhes a cara com tremoços, quando não fazem pior. Porque a máscara tanto pode ocultar uma pessoa de espirito folgazão como um emérito malandro. Principalmente de noite. Nas casas públicas de espectáculos e bailes carnavalescos, e aqui refiro-me especialmente ao Teatro Aveirense, a *élite* (duas vezes sublinhado) que ocupava os camarotes levava toda a noite a arremessar de camarote para camarote e dêstes para a plateia quilos e quilos do tal gêsso que arremessavam nas ruas, a que irrisóriamente chamavam *pó de arroz*, divertindo-se especialmente em alvejar as cabeças de outras pessoas com saquinhos de areia que iam actuar nos crâneos dos desgraçados como verdeiros calhaus. Na plateia e no palco cruzavam-se frequentemente rolos de serpentinas apanhadas do chão, emquanto outros engraçados enfarruscavam com graxa as caras de quem lhes apetecia, que não estava mascarado. E ali passavam 5 ou 6 horas aquelas creaturas, emporcalhando-se mútuamente e respirando, em vez de ar atmosférico, partículas da espessa nuvem de poeira que enchia toda a sala do Teatro!

Sempre assim foi em Aveiro? Mas urge que o não continúe a ser, para bem de todos e para bom nome da cidade. Tambem, há bem poucos anos ainda, assim era em Lisboa e em Coimbra, e hoje essas brutalidades desapareceram. Interpretando o sentir das massas cultas dessas cidades, os governadores civis dos respectivos districtos todos os anos fazem afixar editais proíbindo rigorosamente as entrudadas que possam ofender a dignidade e a higiene individuais e públicas. No Porto, cremos que se procede do mesmo modo. Nessas cidades, as mais cultas do país, os folguedos carnavalescos consistem apenas nas excentricidades do vestuário e no arremesso de *confetti*, serpentinas, flores e no lançamento de perfumes por meio de bisnagas. Máscaras nas ruas e nas casas públicas de espectáculos são rigorosamente proíbidos, como proíbido é o arremesso de flores, serpentinas, *confetti* já servidos.

Ignora isto o sr. governador civil de Aveiro? Impossivel. Então porque não faz sua ex.ª o mesmo que os seus colegas de Lisboa, Porto e Coimbra? Não sei. Mas creio que o fará logo que a parte culta da cidade, por meio da sua imprensa, manifeste êsse desejo.

E' absolutamente necessário que no próximo futuro ano haja em Aveiro *Carnaval* e não *Entrudo*. O Entrudo, com fantochadas ridiculas, com gêsso e ovos pôdres, está fora da época. Fê-lo desaparecer, nos países civilizados, a evolução da Humanidade. Sucedeu-lhe o Carnaval do lança-perfumes e das serpentinas, jogado à cara descoberta, e por isso limpo e decente. Este é o da época, e é êste que se deve jogar em Aveiro.

Se Aveiro quer ser uma cidade digna do nome e não uma aldeia hotentótica, deve significar ao sr. governador civil que acompanha a evolução social e exigir-lhe a supressão do Entrudo das velharias e das porcarias, tal qual fizeram as três cidades universitárias.

Para terminar, sr. Redactor, pois já me alonguei demasiadamente e não tenho o direito de dispôr a meu talante do espaço do seu jornal, permita-me que registe o seguinte facto, que me enche de júbilo porque mostra que não estou sósinho com as ideias expendidas nesta carta. Houve um dia em que, no Teatro, se jogou o Carnaval decentemente: foi ante-ontem, segunda-feira, no baile particular do *Club dos Galitos*. Honra lhe seja, á direcção dêste Club, que há já alguns anos tem imprimido aquele carácter aos seus bailes da época.

Agradecendo a V., sr, Redactor, a publicação desta carta, e pedindo desculpa da maçada que lhe causei, subscrevo-me com toda a consideração

De V. etc.

Aveiro, 5—III—1924.

Constante leitor.

Tem toda a razão o nosso *constante leitor*, assinatura

PELA MORALIDADE!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

XX

A acusação e a defeza

Provas

Artigo 6.º de acusação:—«De ter vendido a si proprio, contra todos os principios legais e morais, objectos que do arrolamento fazem parte».

Alega o arguido em sua defesa: — «Não comprei nem directa nem indirectamente ao Muzeu, nem um unico objecto».

Como testemunhas, são indicados: Firmino Costa, Mariano Ludgéro Maria da Silva e Manuel Pedro da Conceição.

....«Que nada sabe quanto á alegação feita pelo director arguido», diz Firmino Costa, (fls. 324 v.).....................

....«Que não tem conhecimento que o arguido tenha comprado, directa ou indirectamente, ao Muzeu, qualquer objecto», depõe o sr. Manuel Pedro da Conceição. (fls. 329 v.)...........

....«*Que nenhum objecto foi directamente comprado por João Augusto Marques Gomes*», *afirma-o categoricamente,* Mariano Ludgéro Maria da Silva. fls 335).

Quem, *categoricamente*, tambem *confirma* a acusação pelo sindicante formulada, *opondo claro desmentido* ao perjuro *Mariano Ludgéro Maria da Silva,* — são as contas correntes, apresentadas pelo proprio arguido.

Vejâmos:

....Em 17 de outubro de 1911 — «producto de dois armarios de castanho a João Augusto Marques Gomes»—26$00 — (fls. 134).

....Idem, idem—12$00 (fls. 134.)

* * *

E' certo que, em outra cópia das contas correntes que juntou á sua defesa, e portanto depois de conhecida a acusação. *mantem* a designação dos objectos vendidos e as importancias respectivas, *mas faz desaparecer* o nome do comprador (fls. 304 v). *riscando-o a lapis* no respectivo livro, que tenho presente.

* * *

Artigo 7.º da acusação—«De não cumprir ordens terminantes emanadas do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra no sentido de fazer não só a inventariação dos objectos existentes no edificio do Muzeu como a de cumprir as disposições da lei 483 de 15 de janeiro de 1916, remetendo para ali o inventario de todos os objectos que possuisse».

Alega o arguido em sua defesa:—Que logo que poude fez o catalogo dos objectos expostos o qual nunca foi publicado por falta de meios e que por não ter pessoal que copiasse, o não mandou para o Conselho de Arte e Arqueologia; que por não possuir objectos artisticos não enviou para ali o respectivo inventario».

Ouçamos as testemunhas indicadas: dr. Manuel Madail, Acacio Vieira da Rosa e Antonio dos Santos Pato.

....«que desconhece absolutamente o assunto» diz o sr. dr. Madail. (fls. 358) . . . . .

....«que desconhece absolutamente o assunto» depõe o sr. Santos Pato. (fls. 329 v). . . . .

....«que *só sabe* que o arguido fez nos verbetes provisorios para a publicação do catalogo que não chegou a publicar por falta de verba», diz o sr. Acacio Rosa. (fls. 322). . . . .

* * *

Creio que existe sua diferença entre inventario e catalogo. A acusação refere-se ao inventario dos objectos existentes no Muzeu, *e é pelos inventarios* que o Conselho de Arte e Arqueologia *por mais de uma vez tem insistido junto dos senhores directores do Muzeu afim de os fazerem e remeterem copias a esta secretaria. Não obstante, tais solicitações não teem tido realisação»*. (Oficio do Cons. de A. e Arqueologia de 25 de julho de 1922, fls. 179).

* * *

Que não possue objectos artisticos e, por essa razão, não cumpriu a determinação expressa na citada lei, enviando para o Conselho de Arte, o respectivo inventario, *afirma o arguido.*

O perjuro, desta vez, *é o arguido* Marques Gomes e quem o *prova* é outro prejuro: Mariano Ludgéro Maria da Silva, que a proposito da acusação formulada no artigo 10.º *afirma categoricamente* — «já muito antes da criação do Muzeu a casa do sr. Marques Gomes era um Muzeu em miniatura onde se encontravam muitos objectos antigos», (fls. 335).

(Prossegue no proximo numero)

Notas mundanas

Tem estado bastante doente na sua casa de Verdemilho o professor sr. Antonio da Rocha Martins.

— Fizeram anos: na terça-feira, o sr. Albano Henriques Pereira e na quinta o sr. Florentino Vicente Ferreira, a quem felicitamos.

— Esteve nesta cidade o tenente Manuel Birrento, que dentro em breve segue para a India, onde já esteve.

Onde estão, onde param, onde se encontram os beneficios do emprestimo nacional, se depois dele o cambio se agravou, a vida peorou e o nosso credito se acha cada vez mais abalado?

que, modestamente, encobre o nome dum talentoso aveirense a quem temos a honra de comunicar que, se *O Democrata* ainda existir no proximo ano, uma campanha será nele levantada em prol do Carnaval civilisado como está na indole de todos que não são retrogrados.

OSCAR DA SILVA

Um grande artista que nos visita

Entre os nomes dos principais pianistas de fama mundial, Oscar da Silva tem um lugar de destaque. Assim o deduzimos das magnificas criticas que lhe teem sido feitas por ocasião das suas grandes *tournées* pelo estrangeiro.

Ultimamente, em Lisboa, recebeu o prémio do seu enorme esforço e no Porto tambem lhe foi prestada justa homenagem ainda ha bem pouco.

Devendo partir muito em breve para a America do Norte, não quiz Oscar da Silva deixar de, gentilmente, se despedir do seu paiz, onde deixa profundas saudades em quantos teem tido a ventura de o ouvir.

Singular burilador de sons, extranho espirito de romantico, Oscar da Silva é bem português em todas as suas obras e no estrangeiro tem realisado a mais bela de todas, dando a conhecer atravez das suas composições, não só o caracter do nosso povo, como a côr particular das nossas paisagens.

É, pois, este grande artista que dentro em pouco visitará Aveiro, dando dois concertos no Teatro Aveirense nas noites de 14 e 15 do corrente.

Estes concertos, para os quais já se encontram á venda bilhetes na Tabacaria Reis, aos Arcos, vão constituir um acontecimento artistico do mais alto relêvo entre nós, não lhe devendo, por isso, faltar a verdadeira nota de elegancia.

«O Democrata» Vende-se, em Aveiro, no *Kiosque Raposo,* Praça Luiz Cipriano.

O preço da batata

... Senhor Redactor de *O Democrata*:

Muito obrigado pela publicação da minha carta.

Peço, porêm, que aceite o meu agradecimento exclusivamente pelo serviço que prestou ao interesse de todos nós, nanja por outro qualquer valor que possa ter, sob qualquer aspecto, a minha pobre missiva, Citei um facto comprovativo de que não serão precisas determinações superiores para a adopção de medidas que as imperiosas necessidades de momento impõem. Ora se a batata duplicou, em 24 horas, de preço, atingindo uma violencia, estando-se diariamente exportando vagões dela—o que cabe fazer, sem um momento de reflexão, á auctoridade respectiva? Sustar de pronto—como medida de salvação publica—essa exportação, razão aparente da elevação do preço, que, sem duvida, dia a dia irá, aumentando, justamente pela diminuta quantidade que de ficará—se ficar. O que se fez em Santarem—em egualdade absoluta de circunstancias—porque se não faz aqui?

Porque não pede o Ex.mo Governador Civil autorisação ao governo para adoptar as medidas protectoras que as circunstancias que aconselham de momento, contra a tirania, a deshumanidade a que meia duzia de malandros que se apontam, estão submetendo toda a gente? Se S. Ex.ª tivesse essa autorisação ter-se-ia evitado, por exemplo, a ladroagem ha dias realisada no mercado onde se pediu 27 escudos por um galo, 20 e 22 por uma galinha, 45 por um cabrito! Era o cambio?

Era mas é a ganancia desmedida das ladras e ladrões que assim abusar,m das circunstancias.

E o pão? Isso brada aos céos, mas ninguem se importa a não ser os desgraçados que, para mal lhe chegar para os filhos, consomem quasi por exclusivo na sua compra o maximo do seu ganho!

Solicito, como bom cidadão que considero V. o favor de não abandonar este assunto que a todos sobreleva nesta hora de verdadeira tormenta para quem é

De V., etc.

Muito agradecido

Aveiro, 6 | 3.º | 1924.

Uma victima.

Guarda Nacional Republicana

Batalhão n.º 5 — 2.ª Comp.ª

Venda de solipedes

FAZ-SE publico que no dia 23 do corrente mez, pelas 13 horas, se procederá, no quartel desta Companhia, em Aveiro, á venda, em hasta publica, de dois solipedes julgados incapazes para o serviço da G. N. R.

Quartel em Aveiro, 6 de Março de 1924.

O Comandante da Companhia,

Joaquim Augusto Geraldes
Capitão

Camara Municipal do concelho de Aveiro

EDITAL

Lourenço Simões Peixinho, Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal do Concelho de Aveiro:

FAÇO público que, no dia 27 do corrente, pelas 15 horas, no edificio dos Paços do Concelho, serão postos em hasta publica, perante a Ex.ma Comissão Executiva da minha presidencia, 15 lotes de terreno numerados de 1 a 15, situados na Malhada de S. Tiago, todos com frente para o esteiro e cada um com a extensão de frente de 10 metros, e o fundo de comprimento progressivo entre 6,65 e 10 metros sob a base de licitação seguinte:

Numeros 1 a 6 — 10$00 cada metro quadrado;
Numeros 7 a 15 — 8$00 cada metro quadrado.

A planta e condições dos lotes á venda encontram-se patentes todos os dias úteis, das 11 ás 17 horas, na Secretaria da Camara Municipal.

Aveiro e Paços do Concelho, 1 de Março de 1924.

O Presidente da Comissão Executiva,

Lourenço Simões Peixinho.

Companhia Aveirense de Navegação e Pesca

(EM LIQUIDAÇÃO)

NO dia 9 de Março, proximo, pelas duas horas da tarde, na casa da séde social da Companhia Aveirense de Navegação e Pesca, em liquidação, ha-de proceder-se á arrematação em hasta publica dos seguintes bens:

A casa, séde social, na Nova Avenida—base de licitação 120 contos;

O rebocador *Vouga*, em serviço na barra do Pôrto e pôrto de Leixões—base de licitação 400 contos.

A Comissão liquidataria reserva-se o direito da não entrega dos bens em arrematação, se tal convier.

No caso de entrega o arrematante entrará com um terço do preço da arrematação no praso de 24 horas, e com o restante dentro dos 8 dias subsequentes.

Na séde da Companhia dão-se todos os esclarecimentos sobre o estado, qualidade e detalhes dos bens a arrematar.